BOM DIA FURG 15.08.1992

Rio Grande, 15 de agosto de 1991. No programa de hoje, FURG participará do 4º Congresso da Federação dos Arte-Educadores do Brasil. FURG importa equipamentos de mergulho.

E uma entrevista com o Frei Sérgio Gergen, do livro Uma Foice Longe da Terra. Bom dia, FURG. Produção do Departamento de Jornalismo da Rádio Universidade FM.

Apresentado de segunda a sexta, em dois horários. 7h35 e 11h30. Apoio Cultural FURG no mês do seu 22º aniversário.

Os Departamentos de Artes das Universidades do Rio Grande do Sul. Santa Maria e Rio Grande. E a Federação de Arte-Educadores do Brasil.

Realizarão, de 19 a 23 de agosto, no Salão de Atos da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. O 4º Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil. Que terá como tema central, Ensino de Arte no Brasil.

Entre vários objetivos do encontro, pretende-se discutir tendências contemporâneas no Ensino de Arte no Brasil. De Rio Grande, deverão participar vários professores. Entre eles, a professora Cleusa Peralta.

Que é a segunda secretária da Federação dos Arte-Educadores do Brasil, com quem vamos manter contato. Professora, bom dia. Bom dia.

O 4º Congresso da Federação de Arte-Educadores do Brasil. Se realiza em Porto Alegre, então, pela primeira vez. Esse congresso costuma se realizar a nível de São Paulo ou ainda Brasília.

Então, esse ano, uma vez que a diretoria se concentra na sua maior parte no Rio Grande do Sul. Sendo a professora Ivone Richter, de Santa Maria, diretora do Centro de Artes e Letras. E mais o professor José Flores e o professor Marcos Pereira.

E eu, aqui, da Universidade do Rio Grande. Então, nós conseguimos trazer para o Rio Grande do Sul, dessa vez, o congresso. Então, esse é um fato que eu acho importante.

Porque dá uma oportunidade para que as pessoas aqui, principalmente da nossa cidade e de todo o Rio Grande do Sul. Onde o movimento dos Arte-Educadores é muito forte. A gente tem muitas associações a nível municipal.

Que é uma coisa rara em termos do país. A maioria das associações são estaduais. Então, há oportunidade para que os Arte-Educadores possam se encontrar.

E trocar ideias a partir do nosso tema base. Que é o ensino da arte, alienação ou compromisso. Sim.

Alienação ou compromisso. Ou seja, é preciso uma tomada de posição nesse momento? Exatamente. É que, por tudo que se sabe a respeito da, vamos chamar assim, desagregação.

Do movimento cultural mais engajado a nível de país. A partir de todo esse movimento, essa baixa que a gente está sofrendo. A nível de restrições, a nível de política cultural mesmo.

É muito importante que a gente repense a função do Arte-Educador. Que cada vez mais está sendo desvalorizada. E também porque a gente está entrando em uma fase de nova legislação.

A gente está chegando ao momento em que uma nova lei de retriz de bases vai ser finalmente, espera-se, promulgada. Então, que se consiga trabalhar em cima de uma nova legislação para o ensino da arte no Brasil. Ou seja, a estrutura do novo ensino de arte no Brasil.

Exato. E criação e produção de conhecimentos. Exatamente.

Principalmente em cima dessa ideia de produção de conhecimento. Porque, do pensamento corrente, vamos dizer assim, se ligar a arte a uma questão mais estetizante, ou mais supérflua, ou mais a nível de lazer ou diversão. E a questão da arte como produção de conhecimento fica sempre relegada a um segundo plano.

Então, a nossa ênfase é justamente esse enfoque mais crítico da arte. Uma postura de tomada realmente de posição. Mais crítica de leitura de mundo, quer dizer, de produção e de leitura de mundo também.

Vamos associar a questão da crítica, dessa leitura, à produção artística propriamente dita. E tentar uma ampliação desse universo. Tentar associar a ideia de formação, de alfabetização do cidadão, que está muito em moda se falar em cidadania.

Vamos associar esse termo de cidadania também a essa ênfase humanística, cultural, de identidade cultural, que é através da arte que se consegue. Considerando a realidade atual, não parece um tanto utópica os objetivos desse Congresso da Federação de Arte e Educadores? Justamente essa questão que tu colocas, utopia, a questão utópica, realmente é um perigo que a gente corre de cada vez se tornar mais e mais uma utopia. É verdade, essa tua colocação é bem oportuna, mas é justamente com luta que a gente vai tentar modificar um pouco isso aí.

E com organização, quer dizer, não é muito do conhecimento do grande público que existem organizações de artes educadoras. O Congresso pretende também promover o debate de alternativas de trabalho nas diferentes linguagens da arte, artes visuais, teatro e música? Exatamente, porque essa é uma das nossas linhas de frente de trabalho, combater a ideia de polivalência em arte. Antes a educação artística era polivalente, se formava um professor a curto prazo em três áreas de conhecimento e hoje se procura cursos específicos dentro das linguagens específicas e um aprofundamento na linguagem artística.

Da Universidade do Rio Grande deverão participar apenas os professores ligados à diretoria da Federação de Arte e Educadores do Brasil ou devem participar alunos do curso de educação artística? Pois é, o Congresso está aberto a todos os artes educadores de um modo geral e também aos interessados na questão da arte e da cultura. Então, aqui na Universidade nós vamos ter a participação de professores e também de alunos. Vai ser uma atividade extraclássica, os alunos estão sendo liderados para poderem participar do Congresso e também isso é extensivo, o convite é extensivo aos alunos especialmente da pedagogia que agora tem educação artística nas duas habilitações.

Então, professores e alunos deverão participar ativamente do Congresso. Ok, professora Cleusa Peralta, do Departamento de Letras e Artes da Universidade, do curso de educação artística. Muito obrigado, bom dia.

Bom dia, eu que agradeço. Rádio Universidade, programa Bom Dia FURG, produção do Departamento de Jornalismo. De segunda a sexta, 7h35, reapresentação, 11h30min.

Apoio Cultural FURG, no mês do seu 22º aniversário. A Universidade do Rio Grande, através da Superintendência de Extensão e do Departamento de Biblioteconomia e História, estará promovendo, agora de 19 de agosto a 20 de setembro, o curso Formação Histórica do Rio Grande do Sul. O objetivo do evento será proporcionar uma reciclagem de conteúdos para o currículo por atividades.

Maiores informações poderão ser obtidas junto ao Departamento de Biblioteconomia e História da FURG. Tivemos ontem o início do seminário sobre a questão da terra no Brasil. O seminário termina hoje.

Ontem, às 19h, palestra inaugural, tema Geografia dos Conflitos de Terra no Brasil. Com os professores César Augusto Martins e Luiz Fernando, fontoura do Departamento de Geosciências da Universidade. Logo após as 20h, no anfiteatro do Campo Cidade, tivemos a palestra com Frei Sérgio Gergen, seguida de sessão de autógrafos do livro Uma Foice Longe da Terra.

Estamos recebendo com satisfação Frei Sérgio Gergen aqui em nossos estúdios. Por que o livro traz este tema, este título, Uma Foice Longe da Terra? Bom dia. Bom dia, os ouvintes da Rádio Universidade.

O livro Uma Foice Longe da Terra se retrata aos acontecimentos da Praça da Matriz, em Porto Alegre, no dia 8 de agosto do ano passado. E, como toda opinião pública nacional e até internacional ficou sabendo, o destaque que a grande imprensa deu foi pela morte de um soldado, presumidamente com um golpe de foice e também, segundo o que foi dito, através de um golpe desferido por um agricultor. E parece que o grande centro das atenções se tornou esse.

Os agricultores foram taxados de bandidos, de degoladores, de bárbaros, de assassinos, de

covardes. E a questão de fundo não foi tocada. A questão de por que eles estavam na praça, por que eles estavam acampados há quase dois anos.

Por que era uma foice o centro da cidade? Exatamente. Quer dizer, o título do livro, além de ser uma construção literária, ele tenta mostrar a estrutura agrária caduca do Brasil, onde as foices não estão nos seus devidos lugares. Onde as foices que deveriam estar derrubando o capoeirão, que são a vergonha desse Rio Grande, capoeirões enormes, inteiras, de latifúndios.

As foices deveriam estar derrubando esses capoeirões para que os tratores entrassem, rasgassem essas terras e produzissem alimentos para um país faminto. Essas foices são o símbolo, elas e as inchadas, são o símbolo dos agricultores que têm que se manifestar e mostrar que os seus instrumentos de trabalho estão sem ter o que fazer. E sempre que se manifestam, ao invés dos governos responder com a aplicação da Constituição Federal, realizando a reforma agrária, respondem com o cacetete, a bomba de gás lacrimogêneo e a boca do fuzil, querendo fazer com que os agricultores desistam de lutar.

E nessa repressão que tem sido constante, houve um momento em que um agricultor perdeu a cabeça e com a foice fora do lugar, ele acabou provocando a morte de um soldado. Mas nesse mesmo dia, 70 agricultores saíram gravemente feridos. O senhor estava lá? Eu estava no acampamento naquele dia.

Eu não estava na Praça da Matriz. Eu estava no acampamento, inclusive com um grupo de agricultores que estava conhecendo a realidade do acampamento. E lá no acampamento, ao meio-dia, eu fiquei sabendo a notícia e vim imediatamente a Porto Alegre para acompanhar os acontecimentos daqui.

Uma consequência lamentável de um fato que há muito tempo é tema no Rio Grande do Sul, a questão da terra. Exatamente. Nós temos que ir às causas desse fato.

Isso que é importante. E o livro Uma Foice Longe da Terra quer ir às causas. A causa é a concentração da terra, que tem provocado um número enorme de mortes, só que essas mortes caem no esquecimento.

Por exemplo, nós temos a lamentar quatro mortes de crianças envenenadas por aviões da UDR no ano 79. Envenenadas por aviões que esguicharam o acampamento com agrotóxicos. E disso não aconteceu nada.

Um agricultor foi morto em Bagé, com um tiro na cabeça, e isso não aconteceu nada. Qual deveria ser a participação da Universidade Federal, todas as universidades federais, nessa questão? Eu acho que as universidades federais deviam seguir o exemplo que já duas universidades federais do Rio Grande do Sul estão fazendo. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal de Pelotas estão nos auxiliando num projeto de alfabetização de adultos e desenvolvimento cultural nos assentamentos, colocando o

conhecimento científico da universidade a serviço da solução desse gravíssimo problema, que é o problema da terra e da produção agrícola.

Eu acho que é um exemplo a ser seguido. Está aí a Universidade Federal de Pelotas, com sete faculdades, envolvendo professores e estudantes no trabalho de desenvolvimento rural, desenvolvimento comunitário e educacional nos assentamentos. Então, eu acho que as universidades hoje têm que se voltar para os problemas da sociedade.

A universidade onde se produz o conhecimento deve ser um conhecimento muito mais voltado para a problemática social. Eu acho que as universidades têm que botar os pés no chão. As universidades estão muito no ar.

Muitas universidades ainda estão muito preocupadas em dar uma formação para a ascensão individual das pessoas. Eu acho que as universidades têm que colocar o conhecimento a serviço dos grandes problemas sociais do país. Já tem universidades fazendo.

Eu acho que a Universidade de Rio Grande, pela abertura que tem demonstrado, até com esse painel que eu participei ontem, eu acho que é um dado muito significativo, que é uma abertura da universidade para discutir as grandes questões nacionais e poder colocar o enorme potencial que as universidades têm no Brasil a serviço dessas causas. E talvez até produzir outro tipo de conhecimento. Produzir um conhecimento mais adequado à realidade brasileira.

Um conhecimento que sirva realmente para esse país sair do atoleiro. Eu acho muito significativo, ontem aqui em Rio Grande, foi a 12ª universidade que eu falei esse ano. Que eu discuti com os estudantes, com os professores, com a população em geral, a problemática da reforma agrária.

Eu acho isso da maior importância. Nós estamos valorizando muito isso, que as universidades possam produzir conhecimento, conhecimento sério, conhecimento profundo, conhecimento científico mesmo. Essa é a função da universidade.

Ser a linha de frente, a ponta de lança das grandes questões da população, mas que elas possam estar com o pé na ciência e com o pé na terra, com o pé no chão, com o pé na problemática social, para que ela possa ajudar esse país a melhorar suas condições de vida. Nesse momento, discute-se muito no Coniçu e no Rio Grande do Sul a estruturação dos conselhos regionais de desenvolvimento e a própria formalização do MERCOSUL. Mas tudo isso só será sucesso se for dada uma grande atenção para o setor primário.

Evidente. Nós somos um país faminto com uma baixíssima produção de alimentos. E com o MERCOSUL, a nossa agricultura e a nossa pecuária vai passar vergonha.

Por exemplo, o Uruguai produz leite com preço três vezes menor do que no Brasil. Nós estamos com uma tecnologia atrasadíssima. Por que isso? Por que não se investe na agricultura? Porque

a agricultura está canalizando recursos para a indústria, quando deveria ser o contrário, quer dizer, tem que se investir na agricultura.

Investir não é só dinheiro, investir é educação, investir é tecnologia, investir é criar cooperativas, investir é realmente dar condições para o agricultor, condições técnicas, condições culturais, condições de recursos financeiros, para que ele possa desenvolver uma agricultura competitiva, uma agricultura que resolva o problema social do agricultor, mas que também produz alimentos para solucionar o problema da fome do país. E nós estamos convencidos que isso só vai ser possível quebrando o espinhaço do latifúndio, porque o latifúndio é o grande provocador do atraso no meio rural. Frei Sérgio Gergen, uma última questão.

O Rio Grande do Sul politicamente teria condições de resolver o problema dos sem-terras que constantemente estão ocupando. O verbo é ocupar e não invadir. Exatamente.

O Rio Grande do Sul como Estado sozinho, com a atual Constituição, não tem condições. Não cabe ao Estado, com a atual Constituição, resolver os problemas de terra. Quem recolhe recursos e deveria aplicar na Reforma Agrária é o governo federal.

E quem tem poderes legais de desapropriar terras é o governo federal. O governo do Estado deveria ter uma participação, que aliás o atual governo está tendo, uma participação que é importante para ajudar a negociar soluções. Mas é a responsabilidade do governo federal e o governo federal tem sido omisso.

Esta é a palavra certa. O governo federal não tem manifestado nenhum interesse em resolver o gravíssimo problema primário e o problema da Reforma Agrária no Brasil. Eu acho que até porque o ministro da Agricultura, o Cabreira, é um grande latifundiário.

E aí, como é que latifundiário vai fazer Reforma Agrária? Raposa nunca cuidou de galinheiro. Então, o problema tem se arrastado, inclusive, tem se atrasado as negociações por causa disso. Porque o governo federal não tem demonstrado vontade política em realizar a Reforma Agrária.

O debate continua. É, o debate continua e a pressão política tem que ser cada vez mais forte para que esse problema seja realmente resolvido e nós não vejamos mais tantos conflitos e também não vejamos mais tanto sofrimento. E também possamos ver o problema da fome ser resolvido nesse país.

Como disse o seminário, a questão da terra no Brasil termina hoje. Com a palestra A Questão Agrária e a Política Agrícola no Brasil. Com a palestra do professor Jurandir Zaberlan, da Universidade de Cruz Alta Rio Grande do Sul.

E Sérgio Santos, da Associação Nacional das Cooperativas Agrícolas. Programa Bom Dia FURG, Últimas Informações. Já foi notícia neste programa, a visita a trabalho a Montevidéu, do Sr. Reitor e da professora Maria Elizabeth Gomes e Tussa Ri, no Departamento de

Geosciências.

Mas o Setor de Comunicação Social da Universidade nos envia mais informações. Informando que a convite da Presidência da República do Uruguai, o Reitor da Universidade do Rio Grande, professor Orlando Macedo Fernandes, a professora Maria Elizabeth Gomes da Silva e Tussa Ri, chefe do Departamento de Geosciências e coordenadora do projeto Lagomirim FURG, participaram dia 9, na cidade de Montevidéu, de um encontro dos Reitores da Universidade Nacional de Assunção, Paraguai. Universidade de Buenos Aires, Universidade Nacional de Entre Rios, Universidade Nacional de La Plata, Universidade Nacional del Litoral e Universidad de Rosario, Argentina.

Ainda Universidade Federal de Santa Maria no Brasil e Universidade de la República Uruguai. Quando foi firmada uma carta de intenção objetivando criar uma associação de universidades que se denominará de Grupo de Montevidéu. As universidades participantes do encontro apresentam semelhanças de vocações e a proximidade geográfica, além de possuírem estruturas acadêmicas similares e equivalência de níveis de seus servidores, características que viabilizam meios de realizarem atividades contínuas de cooperação.

Por isso, ao constituírem o Grupo de Montevidéu, as instituições de ensino superior buscam a integração regional e o fortalecimento da capacidade de formação de recursos humanos, bem como intensificar suas ações junto à comunidade. Nesse sentido, estão também previstos cursos de pós-graduação, programas multi e interdisciplinares de investigação de temas básicos e aplicados, programas de intercâmbio de docentes, projetos junto a setores produtivos de bens de serviço, programas de gestão do meio ambiente, planos de preservação de cultura dos povos envolvidos e ainda o estabelecimento de um sistema de informação e dados referente às atividades científicas e acadêmicas. Durante o encontro, o reitor da FURG tratou com os demais reitores presentes e com o presidente do Uruguai, Luiz Alberto Lacage, assuntos relacionados ao intercâmbio técnico-científico entre Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai.

Nosso convite para que a comunidade assista logo mais às 13 horas e 30 minutos, daqui a pouco, no Amfiteatro do Campo Cidade, a mostra McLaren Cinema de Animação, de Norman McLaren, cuja obra tem um significativo valor frente às riquezas que este cineasta produziu, o sentido de animar desenhos, objetos e formas numa perfeita harmonia com a música. A mostra é aberta ao público. Começa hoje, a primeira apresentação, às 13 horas e 30 minutos.

Outra oportunidade, dia 23 de agosto, 16 horas e 30 minutos, e depois dia 12 de setembro, às 13 horas e 30 minutos. Promoção da Subreitoria de Ensino e Pesquisa, Superintendência de Extensão do Departamento de Letras e Artes e Serviço Social do Comércio, SESC. FURG importa equipamento de mergulho.

A FURG mantém no curso de Oceanografia uma disciplina de técnicas de mergulho submarino, que tem por objetivo oferecer aos futuros oceanólogos conhecimentos de mergulho, de modo

que os mesmos possam dispor desta poderosa ferramenta na efetivação de seu trabalho. Além desta disciplina, a FURG oferece seguidamente os cursos de extensão, que são oferecidos a toda a comunidade, entre os quais os cursos de mergulho autônomo básico e cursos de especialidades em mergulho. Para manter a alta qualidade destes cursos, que inclusive já valeu a disciplina de mergulho uma menção honrosa da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos, a FURG está agora importando equipamento de última geração.

Entre os equipamentos importados para a modernização da atividade de mergulho, encontram-se coletes para compensação de flutuação, compressor de alta pressão para recarga de cilindros de mergulho, manômetros e profundímetros, reguladores de demanda balanceados e ainda material diverso para manutenção. Programa Bom Dia FURG, produção do Departamento de Jornalismo da Rádio Universidade FM. De segunda a sexta, 7h35, reapresentação, 11h30.

Voltaremos amanhã. Bom dia. Legendas pela comunidade Amara.org